

PARA NOS TORNARMOS ATORES DO POSSÍVEL

O que fazer? Na crise civilizacional que vivemos e cuja complexidade, globalidade e natureza sistêmica percebemos, há uma grande tentação de não fazer nada, de resignar-se à impotência, de recair nas linhas de defesa da identidade e da segurança, de ceder à ilusão de um salvador individualista.

Devemos admitir que somos incapazes de dominar "um fato social total" (Marcel Mauss) como o que conhecemos, exceto para imaginar que podemos estar acima do planeta. O que precisamos fazer é, ao contrário, "aterrar" (Bruno Latour), quero dizer, registrar-nos em um lugar preciso, o de nossa vida concreta e de nossas responsabilidades, pessoais, familiares, profissionais, cívicas, políticas, associativas, eclesiais para nos tornarmos atores do possível.

Vocês representam aqui uma grande diversidade de lugares geográficos, sócio-culturais e eclesiais. Seria contradizer-me ditar-lhes do alto do meu pequeno ponto de vista de padre francês instruções para resoluções e ações que se apliquem igualmente a todos.

É por isso que prefiro me expressar em imagens, em metáforas, em parábolas... sem me tomar por Jesus, é claro. E para tentar responder à questão que nos preocupa: como contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva? Gostaria de questionar as palavras e metáforas que mais utilizamos para designar o que Giorgio Calasso chama de "o atual inominável".

Primeiro, há a palavra crise. Mas não tenho certeza se é suficiente. *Krisis* é um momento crítico que exige discernimento, mas sabemos que sairemos rapidamente. Não estamos falando de "sair da crise"? A crise é comparável às rotundas que as manifestações dos "coletes amarelos" tornaram famosas na França. A rotunda não é um ponto de ruptura, mas sim um ponto de desaceleração que o faz girar em círculos, várias vezes se necessário, mas que permite retomar a direção que procura. O que nosso mundo está passando, desse ponto de vista, não é uma crise, mas uma catástrofe no sentido etimológico do termo, ou seja, uma inversão de direção.

Outro termo que aparece com frequência nos discursos é o de Apocalipse. Muitas vezes é usado em seu sentido trivial, em um sentido catastrófico de destruição final, de fim do mundo. Torna-se muito interessante e muito preciso quando entendido em seu sentido etimológico de revelação. Seja o aquecimento global, o Covid-19, a guerra nas nossas fronteiras, as migrações, todos esses fatos são revelações do estado do planeta, da finitude do universo, da fragilidade e vulnerabilidade humana e da violência que rege as relações entre os povos.

O livro do Apocalipse não anuncia um futuro dramático. Descreve, em forma pictórica, o que está acontecendo e que cada época sabe: violência, abuso de poder, infortúnio e tudo o que nos acontecerá se não mudarmos nada.

O que está acontecendo com a humanidade, como avaliar as questões antropológicas, civilizacionais, sociais e religiosas das mudanças sem precedentes que está experimentando? Gostaria de fazer uso de duas metáforas que não são desvinculadas uma da outra: o naufrágio na tempestade e o terremoto.

1. No século passado, o filósofo Hans Blumenberg já fazia da metáfora da viagem marítima e sua “consequência legítima”, o naufrágio, o analisador da condição moderna. O mar como esfera do imprevisível, do que não está sujeito à lei, do que perturba a orientação, é o lugar onde se manifesta a arbitrariedade dos poderes do mal. Em sua obra “Naufrágio com espectador”, Blumenberg toma como ponto de partida uma configuração que toma de empréstimo do de « *Rerum natura* » de Lucrece, a imagem de um espectador que, de terra firme, observa a angústia de outros lutando com o mar revolto. O contraste entre a estabilidade, a segurança da terra firme e o mar agitado expressa a vantagem de ter uma base firme, sólida e estável para ver o mundo e observar a cena da vida.

Mas é justamente essa garantia, essa estabilidade que se perdeu no mundo líquido da modernidade, como já anuncia a famosa fórmula de Pascal: "Você está a bordo", que Nietzsche retomará em “A Gaia Ciência”: "Deixamos a terra, nós embarcamos! Cortamos laços – mais do que isso, deixamos a terra para trás! Portanto, barquinho, cuidado! (...) Ai de vós se a saudade se apoderar de vós, como se ali houvesse mais liberdade – quando já não há terra! »

Citando um historiador do século XIX, Blumenberg acrescenta: “Assim que tomamos conhecimento de nossa situação, encontramos-nos num navio mais ou menos frágil à deriva numa onda entre muitas outras. Mas também se poderia dizer: nós mesmos somos em parte essa onda. » Estamos embarcados, e como não há mais terra seca que possamos alcançar, o barco deve ser construído em mar aberto, a partir das tábuas e das linhas de vida que restam e desses poucos conceitos aos quais o homem carente se apega para passar a vida são e salvo.

Mas deveria ter começado citando a segunda carta de São Paulo aos Coríntios, na qual ele fala de seus naufrágios, que não terão nada de metafórico. “Três vezes naufragei, escreveu aos cristãos de Corinto, passei um dia e uma noite no abismo. Viajar a pé, muitas vezes, perigo dos rios, perigo dos bandidos, perigos dos meus irmãos de raça, perigos dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos nos mares, perigos dos falsos irmãos! Fadiga e dor, muitas vezes acordado; fome e sede, muitas vezes jejum, frio e miséria; sem contar todo o resto, minha preocupação diária, a preocupação de todas as igrejas. (...) Se for preciso ser orgulhoso, porei o meu orgulho na minha fraqueza” (2 Cor 11, 24-30).

A fraqueza de que Paulo se orgulha dá testemunho de Deus cuja fraqueza é mais forte do que os homens, e que por isso escolhe o que é fraco no mundo para confundir o que é forte (1 Cor 1,23-29). E Paulo conclui com uma fórmula que se tornou proverbial: "Quando estou fraco, é então que sou forte" (2 Cor 12, 10) E como não citar esta outra passagem onde, evocando "a iluminação do Evangelho e da glória de Cristo" , ele escreve: "Este tesouro, nós o levamos em vasos de barro para que este poder incomparável seja de Deus e não de nós. Pressionados por todos os lados, não somos esmagados; em becos sem saída, mas conseguimos passar; perseguidos mas não unidos; oprimidos, mas não acabados; constantemente carregamos em nosso corpo a agonia de Jesus para que a vida de Jesus também se manifeste em nosso corpo." (2 Co 4, 7-11)

2. A outra imagem é a do terremoto, do terremoto ao qual Simon-Pierre Arnold (monge e teólogo de origem belga que vive no Peru) apela para se perguntar se a experiência espiritual dos cristãos de hoje, em oposição a todas as doutrinas e a rigidez institucional, também em oposição a toda suavidade relativista, não equivale a "dançar no meio de um terremoto". Eu o cito:

"A pós-modernidade nos surpreende como um terremoto, sacudindo os alicerces sobre os quais repousava nossa segurança. Quem vive em zonas intensamente sísmicas sabe que a Terra nunca é estável. (...) Quando o intenso movimento sísmico nos surpreende, o pior é ficarmos imóveis, petrificados. Esta é a melhor maneira de sucumbir sob os escombros. Aqueles que souberem correr serão salvos, como sugerem os relatos apocalípticos dos sinóticos. Somente o movimento é seguro – o movimento da terra, das instituições, das comunidades e dos indivíduos. (...) Não há nada para agarrar, nada para se agarrar. É cultivando a arte do movimento livre e da flexibilidade que podemos viver. A Igreja também deve aprender esta arte do movimento em torno de sua coluna vertebral viva: a cruz de Jesus". (Dieu derrière la porte - La foi au-delà des confessions, Paulines/Lessius, 2016)

Para resumir tudo o que essas metáforas nos sugerem, acho que posso dizer que só há salvação no movimento (e não é à toa que falamos de movimentos de ação católica!). O que o Papa Francisco diz à sua maneira em seu constante apelo por uma "Igreja em saída", uma Igreja que aceita arriscar-se na turbulência e nas linhas de fratura, para examinar os campos de batalha contemporâneos para curar as feridas e trazer alívio às angústias espirituais, para chegar às famosas "periferias geográficas, sociais e existenciais", onde há um confronto entre as exigências ardentes do homem e a mensagem eterna do Evangelho.

Sim, é de fato a um movimento que somos chamados, um movimento que consiste em correr um risco triplo, se assim posso dizer, e não digo isso arbitrariamente, mas em relação às três

virtudes teologais que constituem a própria essência da experiência e da vida cristã: fé, esperança e caridade.

1. Atreva-se a ter esperança, comecemos por aí, já que a esperança é o que Charles Péguy tão bem coloca, “pequena esperança”, que traz consigo suas duas irmãs mais velhas, a fé e a caridade. Devemos ousar esperar, devemos saber esperar, devemos reativar a esperança que foi desativada pelo medo do futuro. Se há uma crise do futuro e com ela uma crise de esperança, talvez seja antes de tudo porque perdemos a memória do nosso patrimônio e das suas promessas. Falta-nos a imaginação que nos permita recompor os nossos tesouros do passado, reativar a nossa herança espiritual, para voltar a trabalhar por nossas esperanças mais fundamentais. A única coisa a fazer com um patrimônio não é enterrá-lo, privatizá-lo, é compartilhá-lo, transmiti-lo, ou seja, transformá-lo em desejo para que se abra aos outros e assim abra um futuro para humanidade. Somos herdeiros da esperança bíblica, mas esquecemos que essa esperança do povo de Deus nasceu e nunca deixou de renascer em uma anamnese incessante, na lembrança da longa provação do exílio.

Associo a imaginação à esperança, porque é a falta de imaginação que a opõe e a reduz a um último recurso, a uma fuga da realidade sempre "defeituosa", sempre decepcionante, insatisfatória. Mas cabe justamente à imaginação transformar o negativo, a falta, a perda, o vazio em abertura. Há na imaginação um poder de recusa que se opõe ao que é e não deveria ser, a tudo o que sufoca a liberdade, a tudo o que nos levaria à desolação e à submissão. A imaginação não é fantasia, é a revolta do desejo contra o estado de coisas que nos aliena, nos mutila. Immanuel Kant falou da "livre legalidade da imaginação". Em outras palavras, a imaginação tem todos os direitos, ela se oferece a nós como a liberdade primária para reorganizar o mundo de forma diferente, mais precisamente. É nesse sentido que ela ativa, que reativa a esperança e nos torna atores do possível. Devemos estar convencidos de que a imaginação teológica do cristianismo, que se provou na história, não será demais para inventar um mundo habitável e sustentável. Apesar das infidelidades e fracassos das Igrejas, “a ideia cristã é o futuro do mundo”. Foi isso que Chateaubriand ousou dizer no final de sua vida, ele que conheceu o Antigo Regime, a Revolução Francesa e os primeiros passos da democracia. É certo que mudamos de era, mas o que ele escreve no final de suas Memórias do além-túmulo é surpreendentemente atual. Posso citar apenas algumas linhas:

“Não afirmo que ocorra absolutamente uma renovação geral, porque admito que povos inteiros estão condenados à destruição; Admito também que a fé está secando em alguns países: mas se sobrar um único grão, se cair em um pouco de terra, se fosse apenas nos restos de um vaso, esse grão crescerá, e uma segunda encarnação da Igreja Católica espírito reviverá a sociedade. (...)

“Minha convicção religiosa, crescendo, devorou minhas outras convicções; não há mais cristão crente e homem mais incrédulo aqui embaixo do que eu. Longe de estar no fim, a religião do libertador mal entra em seu terceiro período, o período político, a liberdade, a igualdade, a fraternidade. (...)

“...se um futuro deve ser, um futuro poderoso e livre, esse futuro ainda está muito, muito além do horizonte visível; só podemos conseguir isso com a ajuda daquela esperança cristã cujas asas crescem à medida que tudo parece traí-la, uma esperança mais longa que o tempo e mais forte que o infortúnio. »

2. Decidir amar é correr o risco da alteridade, do encontro, o risco do outro para não voltar ao mesmo. É a audácia de construir pontes entre o passado e o futuro, entre tradição e modernidade, entre humanos de diferentes gerações, culturas, religiões, espiritualidades. A imagem pode parecer grandiloquente, mas não é. As pontes são sempre frágeis e vulneráveis, suspensas sobre o vazio, como a fala sempre ameaçada pelo próprio silêncio, pelo silêncio do outro, pelo silêncio em si, palavra a ser arriscada e lançada sobre o abismo. As pontes estão expostas, ameaçadas. Em tempo de guerra, estas são as primeiras obras a serem destruídas para impedir o avanço do inimigo, para cortar as comunicações. Em grandes crises migratórias, eles estão sujeitos aos controles mais drásticos. E na vida comum, basta um pouco para cortar os laços, como diz a expressão popular, com seus vizinhos. Conflitos destroem pontes, mas pontes, a princípio temporárias, constroem a paz. É a consciência dessa vulnerabilidade, da fragilidade dos laços que nos unem, que confere ao encontro e ao diálogo um caráter de necessidade e urgência.

Na Idade Média, era comum a instalação de vilas, moradias e lojas nas pontes. Estas pontes habitadas quase desapareceram. Um magnífico exemplo permanece em Florença e, em Landerneau, a Pont de Rohan. A imagem é sugestiva, não se trata mais simplesmente de atravessar a ponte, mas de habitar a ponte, de estar neste lugar precário, à distância da segurança do chão sólido das nossas certezas, de estar a meio-lugar, no rico ambiente da diversidade humana, aberto ao encontro e ao intercâmbio. Você tem que estar no convés, como dizem os marinheiros, para enfrentarmos juntos a tempestade que está sacudindo nosso mundo. A ponte é agora a nossa casa.

Em seu magnífico livro sobre “A arte das pontes”, Michel Serres destacou que as notas da moeda européia eram pontes desenhadas. “Sublime, embora apenas a intuição formal, de que apenas essas pontes pecuniárias poderiam unir a velha Europa”. Mas, por outro lado, acrescenta, “todos perdemos a ponte da espiritualidade: sentados na margem da terra, só vemos o oposto através de uma neblina pesada, inchado, barrigudo, carregado de riquezas e vulgares velocidade, vivemos isolados da outra margem, da qual já não fazemos ideia. Quem vai reconstruir a ponte? ”.

Os cristãos sabem o papel que devem desempenhar, no diálogo com os seus irmãos judeus e muçulmanos, com os herdeiros do humanismo do Iluminismo, com os das sabedorias do Extremo Oriente, na obra de reconstrução desta ponte para a humanidade do outro homem, para o homem que passa o homem infinitamente. Com tanto mais esperança que saibam que Cristo já a reconstruiu. Verdadeiro homem, verdadeiro Deus, eles confessam, ele mesmo é esta

ponte, pois, como diz São Paulo, "em sua carne ele destruiu o muro de separação" entre os homens para reconciliá-los com Deus e para que todos sejam integrados em um só corpo .

3. Querendo acreditar. Sabemos bem, a fé é um dom da Graça oferecido à nossa liberdade humana. Mas quando somos sacudidos pelo vento das incertezas, quando a fé deixa de ser evidente ao meio-dia, numa hora em que acreditamos não poder mais acreditar ou saber acreditar, só resta querer acreditar. Esta é a experiência que Thérèse de Lisieux teve e contou alguns meses antes de sua morte. O que ela perdeu não foi a fé, foi o "gozo da fé". A sua fé não é mais do que um desafio à noite, uma vontade de acreditar, escreve em maiúsculas: "Quando canto a felicidade do Céu, a eterna posse de Deus, não sinto alegria, porque eu canto simplesmente o que EU QUERO ACREDITAR. »

A fé é uma graça, mas, segundo a fórmula de Dietrich Bonhoeffer, "uma graça que custa", ou seja, um ato da vontade, um ato de obediência ao chamado de Jesus, o único que cria a situação em que se pode crer nele. "É preciso primeiro dar o passo da obediência antes de poder acreditar", escreveu ele em referência a Simão-Pedro que, ao chamado de Jesus, desceu do barco e se arriscou a caminhar sobre as águas agitadas pelo vento , experimentando assim no mesmo gesto a experiência de sua impotência e da onipotência de seu Senhor que lhe estende a mão e o agarra dizendo-lhe: "Homem de pouca fé, por que duvidas? (Mt, 14,22-33).

O que nos fará fortes é ter "a fraqueza de acreditar", acreditar no Deus do impossível, acreditar na fé e em tudo o que ela possibilita, acreditar na eficácia dos primeiros passos. É ela que nos permitirá discernir e acolher tudo o que germina, tudo o que se cria e se reinventa, tudo o que o amor torna possível.

Robert Scholtus